

Eugénio de Andrade, Manuela Porto e os alcíões de Nemésio

Fernando J.B. Martinho

Resumo. O poeta Eugénio de Andrade relata ter ouvido, por volta dos seus dezassete ou dezoito anos, a célebre diseuse Manuela Porto recitar o poema de Vitorino Nemésio “Pus-me a contar os alcíões chegados,” publicado no nº 10 da *Revista de Portugal* e incluído na colectânea *Eu, Comovido a Oeste* (1940). A este poema o autor de *Coração do Dia* permaneceria para sempre fiel, referindo-se a ele num poema seu e incluindo-o na sua *Antologia Pessoal da Poesia Portuguesa*. Para Eugénio de Andrade, o poema de Nemésio contém “os seus versos mais secretos.” Em parte pelo menos, este poema fundamentará a opinião de Andrade que Nemésio é um dos poetas que integram o grupo que justifica, em prol da poesia portuguesa do século XX, a designação de Século de Ouro. Na base da alta opinião que esposa Andrade pela poesia do autor de “Canário de Ouro” está o impacte que terá tido nele a recitadora Manuela Porto, a que José Régio viria a chamar “a inesquecível ateadora da Poesia de labareda em voz alta.”

Durante anos, [Manuela Porto] empunhou o gume vivo da poesia e acutilousombra sobre sombra. Quanto mais aguçado lhe entregassem o gume que empunhava, mais sombra a sua voz poderia decepar. Eis porque os poetas se preocupam tantas vezes com a procura da expressão mais forte, mais peculiar mais incisiva. Não é para outra coisa senão para se aproximarem ainda da realidade.
Carlos de Oliveira, 1952

Em data não especificada, mas seguramente depois da sua publicação em 1940, no nº 10 da *Revista de Portugal* e na colectânea *Eu, Comovido a Oeste*, Eugénio de Andrade ouviu uma famosa *diseuse* desses tempos, Manuela Porto,¹ declamar o poema de Vitorino Nemésio “Pus-me a contar os alcíões chegados” (*Poesia e Prosa* 423). A referência a essa audição e ao efeito que nele teve surge numa entrevista incluída em *Rosto Precário* e vem a propósito da importância de um primeiro contacto com um autor:

O primeiro contacto com um autor é muito importante, basta muitas vezes um só poema para revelar um poeta. A mim aconteceu-me isso várias vezes. Lembro-me do primeiro poema do Nemésio que ouvi à Manuela Porto: ‘Pus-me a contar os alcíões chegados ...’ Ainda hoje me parecem ser os seus versos mais secretos. (*Poesia e Prosa* 423)

Tudo leva a crer que Eugénio de Andrade terá ouvido a interpretação do poema de Nemésio por Manuela Porto, não muito depois da sua publicação, o que significará que era muito jovem (17, 18 anos) quando teve a revelação da poesia de Nemésio. Ao sortilégio dessa poesia, e particularmente ao texto que lhe propiciou o seu conhecimento, permaneceu ele fiel ao longo dos anos, como teremos ocasião de ver neste trabalho, que irá centrar-se fundamentalmente na análise do epitáfio com que Eugénio de Andrade homenageou em 1983 a memória de Nemésio (*Homenagens* 36-37), e no qual se aludia aos alcíões do poema nº 17 de *Eu, Comovido a Oeste*, um texto que, dezasseis anos depois, não deixaria de figurar entre os que seleccionou de Nemésio para a sua *Antologia Pessoal da Poesia Portuguesa* (*Antologia Pessoal* 417).

Quem era esta *diseuse* citada em diversos testemunhos de autores a quem ela deu a conhecer nomes e textos fundamentais da moderna poesia portuguesa, ou cuja poesia, nesse mesmo âmbito, ajudou a difundir? Perdoar-se-me-á que um pouco me alongue a este propósito, mas será bom não esquecer a relevância destes agentes mediadores no processo da comunicação literária, dando origem, a partir de um acto de comunicação, a outros actos de comunicação (Silva 322). Está por fazer, que eu saiba, um estudo sobre o importantíssimo papel que Manuela Porto* (1908–1950), por intermédio de quem, como vimos, Eugénio de Andrade teve, na juventude, a revelação da poesia de Nemésio, terá desempenhado na difusão da moderna poesia portuguesa, a avaliar por vários testemunhos de que dispomos sobre o impacte dos seus recitais. João Gaspar Simões, no *retrato* que de Pessoa traçou em

Retratos de Poetas que Conheci, refere-se, a certo passo, a uma conferência que fez em 1938, em Lisboa, na Casa das Beiras, e onde contou com a colaboração de Manuela Porto, que recitou a “Ode Marítima” de Álvaro de Campos:

Pessoa, que em 1988 terá o seu primeiro centenário, já em 1938 estava a ser evocado pela primeira vez na Casa das Beiras por Manuela Porto, a primeira a recitar em Público a ‘Ode Marítima,’ obra que eu teria a honra de explicar a um auditório, que em boa verdade por completo ignorava quem fosse Fernando Pessoa ... (86-87)

Através de um outro testemunho, o de Mário Dionísio, dado a público alguns anos antes (1966, data da 1ª ed. de *Poesia Incompleta*), ficamos a saber, além de outras coisas, o título da conferência de Gaspar Simões e a data exacta em que teve lugar:

A talho de foice, lembrarei que foi, de certo modo, através do Casais de *Sempre e sem Fim* que vim a saber de um tal Álvaro de Campos, cuja revelação inteira fiquei, todavia, a dever à voz de Manuela Porto, nessa noite inesquecível em que ela recitou, na íntegra, a ‘Ode Marítima,’ após a conferência de Gaspar Simões, ‘Defesa da poesia moderna contemporânea’: 16 de Abril de 1938 ... (*Poesia Incompleta* 22)

Este mesmo autor, na nota que escreveu para a reedição de *O Riso Dissonante*, de 1950, em *Poesia Incompleta*, volta a referir-se a Manuela Porto, a “cuja arte de dizer” e à de uma outra declamadora dos anos 40, Maria Barroso, a sua poesia deveu uma certa “projecção,” para salientar que as dedicatórias com que homenageou uma e outra na 1ª edição daquele livro e uma outra eram as únicas que mantinha na sua nova publicação:

Compreenderão ainda ... que ... abra três excepções, que se referem ao poema 25, dedicado a minha mulher, e aos que têm os números 13 e 36, dedicados, respectivamente, a Manuela Porto, tragicamente desaparecida pouco antes de o livro ter sido publicado, e a Maria Barroso—duas artistas excepcionais, a cuja arte de dizer, tantas vezes e perante públicos tão variados, a minha poesia deveu, desde o princípio, uma projecção que porventura não merece e uma riqueza de tonalidades que certamente em si mesma não tem. (*Poesia Incompleta* 182)

O autor anónimo de um breve “In Memoriam” incluído no fim do volume *Doze Histórias sem Sentido*, publicado pouco depois da sua morte pelo Centro Bibliográfico, não deixa de mencionar os recitais que se constituirão em obrigatório *leitmotiv* dos textos dedicados a Manuela Porto: “Da apaixonada devoção pela Poesia, que sempre teve, restará muito tempo na memória de quantos lhe escutaram os recitais uma viva recordação” (173). Nesse mesmo sentido vai Carlos de Oliveira que, também nesse ano, por ocasião da passagem do segundo aniversário da sua morte, lhe dedica um breve texto nas páginas da *Vértice* em que, depois de destacar, entre as múltiplas facetas da sua personalidade artística, a sua acção enquanto recitadora, escreve:

A grande declamadora foi apurando pouco a pouco, de recital em recital, de público para público, um sonho realmente digno da artista excepcional que era: arrancar os versos às páginas das tiragens exíguas, pouco lidas, e deixá-los a viver no pensamento e no coração dos auditórios. (341-342)

Nas suas memórias, em meados dos anos 60, José Gomes Ferreira chamar-lhe-á, muito ao gosto da sua escrita transfiguradora, “a inesquecível ateadora da Poesia de labareda em voz alta” (*A Memória* 111). Um desses autores de “Poesia de labareda,” à qual a sua voz deu particular ressonância, Manuel da Fonseca, escreverá em sua memória uma comovida elegia: “Como búzio que ecoa/ rumores do mar distante,/ nossa saudade guarda/ a tua voz ausente.// Na névoa da miragem/ que as lágrimas estremece,/ velado como em sonhos/ teu rosto transparece.// ...” (153-155). E Fernando Lopes Graça, compositor de uma área ideológica e estética afim, homenageá-la-á com “Pranto à Memória de Manuela Porto” (Boléo 83).

Ao longo dos anos, não perdeu Eugénio de Andrade, em entrevistas ou depoimentos, a oportunidade de salientar a alta conta em que tinha a poesia de Nemésio, com óbvio lugar de destaque no seu cânone literário pessoal do século XX em Portugal, que ele foi um dos que, mais insistentemente, considerou o nosso Século de Ouro. Sirvam de exemplo os depoimentos prestados a *A Phala Edição Especial—Um Século de Poesia (1888-1988)* e, dez anos volvidos, à revista *Cadernos de Serrúbia*, nº 3. No primeiro caso, Nemésio faz parte da “meia dúzia” de poetas que, a par de Pessoa, autoriza a que se veja na centúria há pouco encerrada o nosso Século de Ouro:

Ao lado de Luís de Camões, na verdade, não podemos pôr mais ninguém que em português tenha escrito ..., mas junto de Fernando Pessoa podemos alinhar sem forçar a nota meia dúzia de nomes: Pessanha, Pascoaes, Sá-Carneiro, Nemésio, Jorge de Sena. (*A Phala* 177)

No segundo caso, o nome de Nemésio integra-se, dentro da mesma linha argumentativa, num conjunto, um pouco mais alargado, que justifica que se considere o século transacto um notável século de poesia:

Um século que nos deu Pessanha, Pascoaes, Sá-Carneiro, Pessoa, Régio, Nemésio, Torga, Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner, Carlos de Oliveira, Ruy Belo, Herberto Helder, e outros, é com certeza um grande século de poesia. O nosso Século de Oiro, chamei-lhe um dia. (*Cadernos* 13)

Por outro lado, questionado pouco depois da morte de Nemésio sobre o que pensava da sua poesia, não hesita em declarar: “Entre o *Orpheu* e a geração a que pertenço, não vejo em português de Portugal outra poesia que nos seja tão próxima, quer pelo ofício quer pela fundura das águas que remove” (*Poesia e Prosa* 444).

Mas voltemos ao poema de *Eu, Comovido a Oeste* que Eugénio de Andrade ouviu dizer a Manuela Porto:

Pus-me a contar os alcíões chegados
 (Minha memória era água, água ...).
 Fez-me mal aquela alta tristeza
 De bicos vagabundos,
 Mas não chorei os alcíões desterrados.
 Sempre gostei de aves e de lágrimas.
 Lágrimas, agora, não podia,
 Mas podia os alcíões
 —E dei-lhes meus olhos para ovos
 (Que as fêmeas estavam cansadas
 E vinham de terra fria).
 Firme e condescendente,
 Fechei as pálpebras pesadas
 De contradição e de poesia.

—E um mundo novo, de alcíões novos,
Esse era o meu quando as abria. (Nemésio 241)

O que o terá levado, segundo afirma na entrevista publicada em *Rosto Precário*, ainda no momento em que fala, a ver no poema de Nemésio “os seus versos mais secretos” (*Poesia e Prosa* 423)? Por que foi esse “primeiro poema” ouvido de Nemésio “decisivo” para a “imagem” que do poeta construiu (*Poesia e Prosa* 423)? Não há, naturalmente, uma resposta cabal para estas perguntas. Podemos, no entanto, ensaiar hipóteses. E uma delas, independentemente dos valores que a leitura excepcional da célebre *disease* certamente realçaria nos textos, segundo pode deduzir-se dos comentários entusiásticos dos que tiveram o privilégio de assistir aos seus recitais (por exemplo, Mário Dionísio, já citado, deixará escrito a propósito da sua interpretação da “Ode Marítima,” num outro texto, vindo a lume num número da *Vértice* que lhe é, em grande parte, dedicado, o seguinte: “Só uma artista na verdade extraordinária conseguiria que nunca mais alguns dos seus leitores, pelo menos, voltassem a ler muitos passos de Fernando Pessoa, sem inevitavelmente ouvirem de novo, desprendendo-se das páginas, a voz da sua intérprete” (198), terá a ver com o que há, no texto, de sortílego no tratamento da camada fónico-rítmica por parte de Nemésio, e isto aos ouvidos de um poeta que, desde cedo, se irá distinguir precisamente pela atenção prestada a essa mesma dimensão do trabalho poético. Por outro lado, e não é por acaso que o que Eugénio de Andrade valoriza de modo particular no poema 17 de *Eu, Comovido a Oeste*, é a sua qualidade *secreta, misteriosa*, convém não esquecer que estamos perante um poeta para quem “o acto de criação é de natureza obscura” (*Poesia e Prosa* 391) e, por aí, sensível ao que, na poesia de Nemésio, há de um “lirismo exposto às águas fundíssimas e amargas de deus” (*A Phala* 177) ou que na “fundura das águas que [ela] remove” reconhece uma das razões maiores da sua *proximidade* (*Poesia e Prosa* 444).

O que há de *ambíguo* e, admitidamente, da ordem da “contradição” no texto, resulta, desde logo, da ambivalência que é a das “aves” que estão no seu centro, já que, para o poeta, elas são simultaneamente as aves reais que chegam (o maritim-pescador) e, na sua memória cultural, as aves fabulosas da mitologia, de canto plangente, que os gregos consideravam de bom augúrio porque passavam para fazer o ninho no mar, quando este estava calmo (Houaiss 143). Por outro lado, a contradição está na própria ave mitológica, porque, não obstante a “tristeza” do seu canto, é uma ave de bom augúrio. O poema, no seu desenvolvimento, vai explorar estas contradições, com o

pronunciado gosto que é o de Nemésio pelo inesperado dos jogos associativos, e que levou frequentemente a crítica a falar a seu respeito de surrealismo, para, no fim, pela aproximação feita entre “contradição” e “poesia,” celebrar o poder inventivo e acolhedor da poesia, criadora de “um mundo novo, de alciões novos,” nascido da superação dos contrários.

Como vimos, os alciões não deixam de fazer a sua aparição na elegia fúnebre com que, em 1983, Eugénio de Andrade homenageou Nemésio, e em que nos iremos, agora, deter:

Ninguém te lê os versos, tão admiráveis
alguns, e a prosa não tem muitos leitores,
embora todos reconheçam, mesmo os que
nunca te leram, que é magnífica.
A moda é o Pessoa, coitado: dá para tudo;
e a culpa é dele, com aquela comovente
incapacidade para ser ele próprio.
De nada lhe serviu ter dito e redito
que a fama era para as atrizes.
Que vocação de carneiro têm as maiorias:
não há fúfia universitária ou machão
fardado que não diga que a pátria
é a língua ou a puta que os pariu.
Não, contigo isso não pegou. Durante anos
e anos arrumaram-te na prateleira:
eras o *Cavaleiro das Tristes Figuras*.
Conversão ao catolicismo, fretes ao estado
novo, prémios do sni não ajudavam muito
a que te lessem, além de haver outros poetas
a festejar, por sinal bem medíocres, mas ‘democratas
convictos,’ coisa que dizem que não foste.
Isto de morrer pela pátria não é para
todos e tu, decididamente, para a morte
não tinhas nenhuma inclinação. Afinal,
além dos alciões a quem davas os olhos,
só tinhas versos, e alguns bem maus,
coisa aliás de pequeníssima importância,
como exemplarmente, depois de morto, provou

Pessoa, que está, como se sabe, no paraíso.
 Coitado, pensava ter tempo para pôr ordem
 na arca, mas a morte veio antes da hora.
 Contigo ao menos isso não aconteceu,
 bebias menos, pudeste arrumar a casa.
 Nada disto te importa já, e de resto
 que lêem esses que lêem quando lêem? (*Homenagens* 36-37)

No poema, dedicado, alguns anos depois da sua morte, à memória de Nemésio, escrito, pois, em sua homenagem, sobressai, de acordo, aliás, com a retórica do louvor, a ideia da *reparação* de uma *injustiça*. Segundo o poeta enunciador, Nemésio, passados cinco anos sobre a sua morte, estaria a sofrer daquele obscurecimento que, frequentemente, atinge os escritores depois da notoriedade maior ou menor que terão conhecido em vida. Não importa, agora, avaliar da justeza ou não das palavras de abertura do poema, embora dificilmente possa esquecer-se que não faltam testemunhos sobre o excelente acolhimento dispensado à poesia de Nemésio ao longo dos anos 70 e nos começos do decénio seguinte, nomeadamente por parte de poetas da geração que então se afirmava (Magalhães 13-19). Poder-se-á objectar que o que está em causa na asserção com que abre o poema não é a recepção dos poetas, que o sucesso que essa determina, de alguma forma, nunca lhe terá faltado, mas a do *público*, de um público, digamos, mais alargado. Não reside, porém, aí o âmago da questão: o louvor que, no poema, se faz, tem no *topos* do poeta *esquecido*, *injustiçado* um dos seus fundamentos maiores, e a escrita do texto corresponde a um acto de reparação, movido pela indignação. O destinatário da homenagem é vítima de uma injustiça: o esquecimento. Mas não apenas no presente da enunciação; também no passado, numa outra conjuntura política, teriam sido poucos os que o leram. Dentro da argumentação desenvolvida pelo enunciador, não deixam de ser apontados os factores que, de alguma forma, contribuíram para a obscuridade do homenageado num e noutro momento. A moda de Pessoa, então no seu auge, fornecerá parte do quadro explicativo, no primeiro caso; a relação de Nemésio com o Estado Novo durante um certo período ajudará a explicar as reservas de alguns para que lhe não dessem a atenção a que tinha direito, no segundo caso. Curioso é que, no contexto da referência a Pessoa, se fale de “culpa,” é certo que em relação a algo diferente: o ser o criador dos heterónimos, afinal, o responsável por dar “para tudo.” Mas a presença da palavra naquele passo da argumentação do poeta enunciador dificilmente impedirá o leitor de a

associar ao poeta objecto de injusto *apagamento*. A verdade é que, aos olhos de muitos poetas portugueses de então, Pessoa, na vertiginosa ascensão da sua fortuna internacional, aparece como o grande *culpado* pelo desconhecimento da poesia que veio *depois*. Interessante também é que, num poema que, para além de *homenagem* como vimos, é igualmente um *lamento* pelo destino que a posteridade recente estaria a reservar à poesia de Nemésio, não a lendo, se lamente Pessoa, indirectamente apontado como obstrutor do conhecimento da poesia do homenageado, com o recurso, e por duas vezes, a uma palavra (“coitado”) insistentemente repetida numa celebrada passagem de um dos mais conhecidos textos de Álvaro de Campos (Campos 222-224). De resto, não são esses os dois únicos momentos em que a avassaladora *sombra* de Pessoa tem reflexos a nível da própria convocação do intertexto pessoano, como o mostram os passos em que se alude à sua visão da celebridade como um “plebeísmo” (Pessoa 502-503) ou ao famigerado aforismo de Bernardo Soares sobre a língua portuguesa, abusivamente subtraído pelos que o citavam ao seu contexto (Soares 254-255).

Mas, por mais importantes que estas alusões sejam, estão longe de apagar a que remete para o destinatário das palavras que o enunciador, em tom de fala próxima e desataviada, foi alinhando ao longo do poema. O verso “além dos alcões a quem davas os olhos,” memória viva do poema que, para Eugénio de Andrade, desde que na juventude o ouviu dizer a Manuela Porto, “amiga e Anjo da Fama dos poetas” (Ferreira, *Imitação* 73), ficou sendo a emblemática sinédoque da poesia de Nemésio, vem lembrar que o poeta, suscitador de *mundos novos*, não tem mais do que os “versos” com que os constrói, a esses mundos. E o poema encerra, em jeito de sabedoria que só a morte pode garantir, com a proclamação da confiança da poesia em si mesma, na sua força, para além dos acidentes, acertos ou cegueiras, das leituras que com ela venham a confrontar-se.

Notas

¹ Personalidade multifacetada, contista, novelista, crítica teatral, conferencista, tradutora, actriz, encenadora, declamadora, Manuela Porto nasceu em Lisboa, a 24 de Abril de 1908, e em Lisboa morreu, a 7 de Julho de 1950. Da sua obra no domínio do conto e da novela, destacam-se: *Um Filho Mais e Outras Histórias*, 1945; *Uma Ingénua: a História de Beatriz*, 1948 e *Doze Histórias sem Sentido*, 1952. As entradas referenciadas no *Índice de Autores (1942-1986)* da *Vértice* (210-211), organizado por Carlos Santarém Andrade, em 1987, permitem aquilatar da presença assídua de Manuela Porto nas páginas da revista coimbrã, no período entre 1947 e 1950, enquanto atenta cronista da actividade teatral em Lisboa. De uma célebre conferência que

fez em Janeiro de 1947 sobre Virginia Woolf (*Virginia Woolf: O Problema da Mulher nas Letras, Cadernos da Seara Nova*, Lisboa), dispomos presentemente de uma edição fac-similada, feita no âmbito da Exposição “Mulheres do Século XX: 101 Livros,” 2001. O seu labor enquanto tradutora incidiu sobre obras de, entre outros, Virginia Woolf, Katherine Mansfield e Tchekhov. A sua acção na direcção do Grupo Dramático Lisbonense, onde encenou autores como Gil Vicente, Camilo, Pirandello e Thécov, é salientada por vários dos seus contemporâneos. Mas é enquanto excepcional declamadora que decisivamente contribuiu para o conhecimento e imposição da moderna poesia portuguesa que, como acima se diz, a sua memória mais fortemente perdura.

Obras Citadas

- Andrade, Eugénio de. *Poesia e Prosa (1940-1980)*. 2nd ed. Porto: Limiar, 1981.
- _____. Resposta a Inquérito (“A Phala dos Poetas”). Org. Fernando Pinto do Amaral et al. *A Phala Edição Especial—Um Século de Poesia (1888-1988)*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.
- _____. *Homenagens e Outros Eptáfios*. 8th ed. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 1993.
- _____. Resposta a “Inquérito sobre a Poesia Portuguesa do Séc. XX.” *Cadernos de Serrúbia* 3 (1998). Lisboa: Fundação Eugénio de Andrade.
- _____. *Antologia Pessoal da Poesia Portuguesa*. Porto: Campo das Letras, 1999.
- Boléo, Luiza Paiva. “Textos que em Nós se Fazem.” *Catálogo da Exposição “Mulheres Século XX: 101 Livros.”* Lisboa: 2001.
- Campos, Álvaro de. *Livro de Versos—Edição Crítica*. Introd., transcrição, org. e notas de Teresa Rita Lopes. 2nd ed. Lisboa: Estampa, 1994.
- Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- Dionísio, Mário. “Num Mundo Enorme e Vazio.” *Vértice* X- 83 (1950).
- _____. *Poesia Incompleta*. 2nd ed. Lisboa: Europa-América, 1982.
- Ferreira, José Gomes. *A Memória das Palavras ou O Gosto de Falar de Mim*. Lisboa: Portugalíia, 1965.
- _____. *Imitação dos Dias: Diário Inventado*. 2nd ed. Lisboa: Portugalíia, 1970.
- Fonseca, Manuel da. *Poemas Completos*. Pref. Mário Dionísio. 3rd ed. Lisboa: Portugalíia, 1969.
- Magalhães, Joaquim Manuel. *Os Dois Crepúsculos*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981.
- Nemésio, Vitorino. *Obras Completas*. Vol I. *Poesia*. Pref., org. e fixação do texto de Fátima de Freitas Morna. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.
- Oliveira, Carlos de. “Manuela Porto e a Poesia.” *Vértice* XII-107 (1952).
- Pessoa, Fernando. *Obras em Prosa*. Org., introd. e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.
- Porto, Manuela. *Doze Histórias sem Sentido*. Lisboa: Centro Bibliográfico, 1952.
- Silva, Vítor Manuel de Aguiar e. *Teoria da Literatura*. 4th ed. Vol. I. Coimbra: Almedina, 1982.
- Simões, João Gaspar. *Retratos de Poetas que Conheci*. Porto: Brasília Editora, 1974.
- Soares, Bernardo. *Livro do Desassossego*. Ed. Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.

Fernando J. B. Martinho é licenciado em Filologia Germânica e doutorado em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi Leitor de Português nas Universidades de Bristol (1970-71) e da Califórnia, em Santa Bárbara (1974-1977). O seu trabalho como estudioso tem incidido principalmente sobre a poesia portuguesa do século XX. É autor de, entre vários outros livros e numerosíssimos ensaios, *Pessoa e os surrealistas* (1988), *O que foi e o que não foi o movimento da Presença* (1995) e *Tendências Dominantes da Poesia Portuguesa da Década de 50* (1996). Poeta, entre os seus vários volumes de poesia contam-se *Resposta a Rorschach* (1970) e *Razão sombria* (1980).
Email: fmartinho@mail.doc.fl.ul.pt